
A performance da apresentadora no *talk show* *Casos de Família* e o enquadramento da violência doméstica¹

Rafael Barbosa Fialho MARTINS²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O estudo proposto objetiva identificar e discutir as estratégias pelas quais a violência doméstica contra a mulher é construída no programa televisivo *Casos de Família* a partir da atuação da apresentadora Christina Rocha. Para isso, mobilizamos os conceitos de performance e enquadramento, acreditando que as performances no referido programa constroem enquadramentos da violência doméstica e vice-versa.

PALAVRAS-CHAVE: Casos de Família; Talk Show; SBT; Christina Rocha.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca empreender uma análise sobre *Casos de Família*, um dos programas filiados à matriz popular da televisão exibido de segunda a sexta às 15h45 pelo SBT. Grosso modo, a atração pode ser caracterizada como um *talk show* baseado nas narrativas do cotidiano de pessoas comuns, permeadas por problemas cujas soluções/encaminhamentos seriam apontados com a ajuda de um perito da psicologia, as opiniões da plateia e os conselhos da apresentadora Christina Rocha. Sob a alegação de estar cumprindo uma “missão social”, o programa, eventualmente, investe mais fortemente em edições voltadas para a discussão de temas problemáticos e controversos da sociedade brasileira, como: diversidade de gêneros, adoção, AIDS, reintegração de ex-detentos, dependência química e violência contra a mulher.

Logo, o contexto de programas como esse aponta para uma questão importante: o que acontece quando um programa televisivo popular se presta a falar de problemas e temáticas sociais? Partindo dessa inquietação de fundo, este artigo apresenta como proposta de estudo a abordagem televisiva da violência doméstica contra as mulheres, mais especificamente no programa *Casos de Família*.

Faz-se necessário olhar para atrações desse tipo e levá-las a sério, acreditando que as tensões ali expostas podem nos ajudar a compreender melhor como o tema da violência doméstica é tratado não apenas pela mídia, como pela nossa própria sociedade. Isso porque entendemos que a abordagem midiática da violência doméstica

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Doutorando e Mestre em Comunicação Social pelo PPGCOM/UFMG. Membro do GRISpub (Núcleo de Pesquisa sobre Publicidade, Mídia e Consumo). Bolsista FAPEMIG. E-mail: rafaelbfialho@gmail.com.

não é empreendida isoladamente, mas passa por um quadro simbólico construído socialmente. Embora outras questões abordadas pelo programa também mereçam análises (como a visibilidade LGBT e dependência química, por exemplo), o tema da violência doméstica foi priorizado em nosso estudo devido à sua importância e relevância como um problema público que tem historicamente afetado mulheres no Brasil e no mundo.

Em nossas observações prévias de *Casos de Família*, chama atenção a dimensão performativa das ações transcorridas no palco: tudo parece ser mais ou menos roteirizado para soar “palatável” na televisão. Na (quadr)angulação cênica que *Casos de Família* promove, muitas vezes o que se tem como resultado são enquadramentos violentos, fazendo com que os casos adquiram uma segunda camada de violência imposta pelo gênero televisivo. Assim, além da violência reportada nos depoimentos e narrativas de pessoas comuns, temos também a violência dos enquadramentos construída pelo programa e também a violência acusatória que os receptores podem, eventualmente, produzir ao consumirem ao programa.

Tendo em vista tal contexto, este artigo apresenta o seguinte problema: como a performance da apresentadora de *Casos de Família* constrói enquadramentos da violência doméstica contra a mulher? Ocupando um espaço privilegiado na arena dos mais variados debates e questões da sociedade, a televisão não deve ser desconsiderada na reflexão sobre problemas centrais da realidade, como a violência de gênero, já que cotidianamente veicula temas a serem discutidos na esfera pública e estimula a participação da sociedade civil, dando lugar a múltiplas vozes.

MARCO TEÓRICO

A violência contra a mulher pode ser propriamente física, psicológica, sexual, moral ou patrimonial (muitas vezes sendo caracterizada a partir da combinação desses tipos de agressão), e enquadra-se como um tipo de violência de gênero, aquela que viola direitos humanos, em decorrência de uma relação assimétrica entre os gêneros – marcadas por noções problemáticas de modelos masculinos e femininos ancorados em hierarquias e desigualdades que estabelecem relações de poder entre os sexos (ZUMA et al, 2009).

No enfrentamento deste tipo de violência, a mídia tem papel importante que pode ser desempenhado de diversos modos, e o principal potencial dos meios de

comunicação está em i) poder divulgar os direitos e serviços disponíveis às mulheres, que devem ser tratadas como cidadãs portadoras de direitos e não como vítimas e ii) cobrar qualidade e capilaridade dos serviços de atendimento, atuando com vistas ao impedimento da volta à situação de violência (DOSSIÊ, 2015). A própria lei Maria da Penha, em seu artigo 8º, preconiza a importância do “[...] respeito, nos meios de comunicação social, dos valores éticos e sociais da pessoa e da família, de forma a coibir os papéis estereotipados que legitimem ou exacerbem a violência doméstica e familiar [...]” (BRASIL, 2006, s/p).

No que diz respeito à televisão brasileira, o tema da violência doméstica tem sido assunto de diversos programas, cujas abordagens suscitam pesquisas sobre como tais gêneros midiáticos se apropriam dessa problemática – desde os telejornais até as telenovelas. Contudo, o *talk show* popular ainda não recebeu os mesmos investimentos de pesquisa, embora haja uma recorrente vinculação desse tipo de programa ao gênero feminino. Programas como *Ricki Lake*, *Oprah* e vários outros foram historicamente associados às mulheres, já que tais *shows* concebem o público preferencial como uma mulher que é mãe, uma dona de casa afeita a narrativas emocionantes sobre questões domésticas socialmente atuais (WETSCHANOW, 1999), perspectiva que motivou diversas análises a respeito da relação entre *talk shows* e o gênero feminino.

Grande parte das pesquisas acerca dos *talk shows* populares demonstra o papel político de tais emissões, concordando sobre o espaço efetivo que elas dão a sujeitos invisibilizados e problemas de gênero, classe, raça e sexualidade, por exemplo. Gamson (1999) adverte que a visibilidade conferida pelos *talk shows* a grupos marginalizados, apesar de ser um ponto de partida, não necessariamente garante sua inclusão efetiva na cena pública. Mesmo assim, o autor reconhece as potencialidades desses programas, que abrem espaço para grupos, pessoas e assuntos estigmatizados, dando-lhes uma espécie de existência pública.

Nosso objetivo é compreender como o papel desempenhado pela apresentadora atua no enquadramento da violência doméstica; por isso, o objeto convoca para si o conceito de performance. Goffman (2002) vale-se de uma analogia com termos da representação teatral, e compara a vida em sociedade como uma espécie de encenação, na qual o objetivo maior é regular a conduta de nossa “plateia”, quando nos colocamos na posição de atores – nesse sentido, ora atuamos, ora somos persuadidos por personagens.

Conceitualmente, o autor define performance como “[...] toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 2002, p. 29). A análise das performances em *Casos de Família* é promissora para a compreensão do enquadramento da violência doméstica contra a mulher porque nos permite visualizar as significações circulantes que são valorizadas socialmente nas interações relativas ao tema. Assim, entender as performances sobre a violência que se passam no programa pode, em alguma medida, contribuir para o entendimento da dimensão midiática de tal questão.

Já os enquadramentos são as atividades cotidianas de mobilização dos mais variados quadros de sentido conforme a situação, permitindo-nos compreendê-las e projetar modos de participação nelas. Construídos socialmente, os quadros dos quais lançamos mão para interagirmos uns com os outros são cruciais para organizar nossa experiência, pois nos dão condições de orientar nossa ação respondendo a questões como *o que está acontecendo* nas situações, quais são as regras que as regem, o que esperar (ou não) delas, e, por fim, quais posicionamentos devemos adotar em cada uma delas (MENDONÇA; SIMÕES, 2012) . Logo, os conceitos de enquadramento e performance são mutuamente afetados, já que ao identificarmos a situação, performamos; e, muitas vezes, nossa performance oferece novos enquadramentos.

Ao tentarmos analisar a situação interativa do programa, acreditamos ser possível visualizar como os sujeitos envolvidos em *Casos de Família* mobilizam os sentidos relativos à violência, nos permitindo enxergar nas interações mediadas pelo programa os valores e normas ligados a essa temática e os enquadramentos que advém dessas interações. Isso é possível porque consideramos os quadros de sentido como histórica e socialmente constituídos, frutos da vivência subjetiva em contextos culturais profundamente marcados por desigualdade de gêneros sustentados por normas e valores problemáticos.

Metodologia

Selecionamos três casos exibidos em três edições do programa para análise, destacando aquelas que trazem já no título alguma referência a situações de agressão,

opressão de mulheres e demais conflitos³. Buscando uma compreensão mais qualificada e aprofundada das tensões expostas por *Casos de Família*, traçamos um caminho metodológico que visa, primeiramente, entender a performance acionada pela apresentadora para, depois, ver como esta engendra enquadramentos sobre a violência doméstica contra a mulher.

No primeiro movimento metodológico, nos atentamos em captar e interpretar elementos performáticos de Christina, tais como: falas; diálogos; embates, gestual; gritos/choros/risos; movimentação no palco. Já no segundo movimento metodológico, analisamos tais achados relativos à performance guiando-nos pela pergunta central: como as ações da apresentadora agenciam e constroem enquadramentos que dotam de sentido as interações sobre a violência?

ANÁLISE

Primeiro caso: Simone e Célio

A violência aparece como sinal de uma fraqueza de ordem pessoal e psicológica. Talvez numa tentativa de aprofundamento do relato dos participantes, Christina tenta encontrar motivos pelos quais Célio é violento e elenca duas razões: i) o fato de ele ter visto sua mãe apanhar de seu pai quando ele era criança e ii) a possibilidade de ele ser homossexual e reprimido. Nessas colocações, a apresentadora até cita a presença da psicóloga do programa, mas não concede fala a ela, e as possíveis motivações para a violência ficam no nível da suposição, feitas por alguém que é leigo no assunto.

Ela faz uma rápida menção para que o Disque 180 seja colocado na tela, no gerador de caracteres. Contudo, as consequências legais das agressões cometidas por Célio não são colocadas em nenhum momento. O que ocorre são alertas da repercussão das agressões em outras esferas, por exemplo, da intimidade e da convivência do casal na vizinhança. Assim, Christina não diz que Célio pode vir a ser condenado pela Justiça, mas que ele pode ser agredido pelos seus vizinhos, e o diz em tom de ameaça. A apresentadora tenta desmistificar o tema da violência, afirmando que as agressões ocorrem em todas as classes sociais.

Assim, é interessante observar como o problema da violência serve aos interesses do programa em dois níveis: no primeiro, no que diz respeito ao próprio

³ Foram escolhidas as seguintes edições: Não acredito que você goste de um cara tão agressivo! (<https://youtu.be/2s29ujXA3z0>); Pra mim, mulher tem que ser bela, recatada e do lar! (<https://youtu.be/BF7ZcRmd66M>); Mulher que não gosta de apanhar tem que se comportar! (<https://youtu.be/IPG37ksliCU>).

formato do programa, que se baseia no conflito de ideias, valores e até de ordem física, dadas as brigas que ocorrem no palco. Ao tratar de relações violentas, as agressões se (re)materializam de diversas formas no palco e reiteram as características esperadas em relação ao formato do *Casos de Família*.

Em uma segunda dimensão, falar da violência contra a mulher no referido programa ajuda-o a se legitimar frente à crítica, à audiência e aos outros exemplares do gênero *talk show*, especificamente da matriz popular. O tema da violência doméstica serve, ainda, como plataforma para a legitimação não só do suposto “papel social” do programa, mas como também de exemplo para demonstração do preconceito com o qual a atração é tratada, segundo Christina Rocha, que reclama:

A gente sempre convida gente, as pessoas envolvidas nas leis, autoridades. Sabia que ninguém quer vir aqui? Ninguém. Por quê? Discriminar porque a gente é popular não, acho que vocês têm medo de vir explicar. [...] Ou eles não respondem, ou eles deixam os produtores horas ali “ah, perai um minutinho”. [...] Você aí de casa fala “Ah, isso aqui só dá no Casos de Família. Isso aí deve ser armado”. É verdade sim, e tem mais. [...] Rico também apanha, que eu sei. Nunca vocês falam nada positivo do programa, só falam que é barraco, que é não se o quê. [...] Se a gente depender de jornalista, tá ferrado. Poxa, o programa é popular? É popular sim; qual a vergonha de ser? [...] Somos populares com muita honra.

Enquanto ela fala da gravidade do problema, aparece na tela uma série de estatísticas sobre a quantidade de mulheres agredidas no Brasil. Ela aproveita para ironizar a lei Maria da Penha, comparando-a com a lei “Menino Bernardo” e com a suposta austeridade das leis dos Estados Unidos para cobrar mais efetividade na lei de combate à violência contra a mulher. Sua exposição fica no nível do comentário, e não na discussão com base em fatos.

Já no que diz respeito ao discurso violento, a apresentadora julga a vítima, levantando o tom de voz ao falar e faz uma cara de brava, dando broncas e lições: “Você conheceu e já foi morar, vocês não conhecem o cara nenhum, viu, oh que lindo, vou morar. É outro erro de vocês”. “Ela tá erradíssima”. Ela também faz uso da ironia, e a plateia corresponde rindo. Quando ela pergunta e ela mesmo responde: “Mas ele é carinhoso com você? Ah, super, ele me bate grávida, é bonzinho, só me dá porrada grávida”. Há, ainda, toda uma tentativa de enquadrar Célio como um homossexual reprimido. Quando um participante da plateia fala para que o agressor “saia do armário” e ele responde “Não saio”, Christina diz: “Esse ‘Não saio’ saiu esquisito...”.

Quando o agressor Célio entra no palco e tenta agredir a sogra, a câmera fecha em Christina, que grita: “Aqui não, homem que bate em mulher aqui não, rapaz. Vai bater nas tuas negas, ei ei. Que isso, cara, tá louco?”. Quando Christina fica sabendo que Célio já apanhou dos homens da rua, ela faz cara de surpresa e, novamente, se utiliza da ironia: exclama “Mentira” em tom de deboche e a plateia ri.

Em alguns momentos, a apresentadora fica ainda mais brava e faz duras colocações a Simone, que, pode-se dizer, é agredida verbalmente pela apresentadora, que diz: “Então você vai continuar apanhando, parabéns, você vai continuar apanhando, qualquer dia você tá morta ou por uma facada, ou por um tiro, ou por porrada mesmo, né? E seu filho também, não sei se vai nascer, se nascer até lá, porque você vai levar tanta porrada até o neném nascer, de repente você perde o neném”. Ao tentar justificar suas colocações, Christina diz agir como uma espécie de “amiga” que quer alertar a convidada para a relação abusiva em que ela se encontra.

É interessante observar que, se do lado do agressor há uma tentativa de encontrar motivos externos e psicológicos para que ele seja agressivo, o mesmo não se pode dizer em relação à mulher, que recebe adjetivos como “culpada” e “erradíssima”. Quase não há espaço para que a vítima apresente suas motivações para permanecer no ciclo de violência, e quando chega a elaborar algo nesse sentido, é fortemente tolhida pela apresentadora. Quando Simone diz que fica com Célio por ter esperança de que ele mude, Christina é taxativa: “Você tem que ter esperança de tomar vergonha na cara, desculpa”. Tentando amenizar a situação, diz que apenas está tentando abrir os olhos da convidada.

No ápice de sua raiva, a apresentadora chega a praticamente incitar a violência contra Célio, para quem diz, com feições de ódio, gesticulando e apontando o dedo para Célio: “Eu tenho horror a homem que bate em mulher, me dá uma raiva. Dá vontade de dar porrada [...]. Ai se eu fosse homem do seu tamanho, ai se eu morasse perto dela, eu pegaria uma turma toda e te daria uma coça que você ia ver o que é bom pra tosse”. A plateia aplaude.

Segundo caso: Priscila e Silvan

O tema da edição faz referência ao título de uma matéria publicada no *site* da revista *Veja* sobre Marcela Temer, a então futura primeira-dama do Brasil sob o título “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar”. A revista fez um perfil sobre Marcela que

gerou inúmeras críticas devido ao modelo de mulher celebrado no texto: a mulher submissa ao marido, o vice-presidente Michel Temer.

Ao se apropriar de um debate instaurado na sociedade, o programa tenta evidenciar que está atento ao que acontece no país, buscando se legitimar junto à audiência a partir de um pressuposto efeito de verdade e atualidade. Christina, materializando essa tentativa, inicia o programa fazendo uma breve menção à repercussão do título da matéria, limitando-se a dizer: “Esse tema, aliás, tem saído muito nas mídias sociais”. Ela começa conversando com Silvan, que trata mal sua esposa, Priscila: não a deixa sair de casa sequer para levar os filhos à escola, a proíbe de trabalhar e afasta todas as amigas da mulher. Nesse ínterim, a apresentadora já lança mão de um diálogo incisivo com Silvan, quando este relata que acha que a sogra estaria apaixonada por ele:

Silvan: - Eu acho que a mãe dela tinha uma caidinha por mim

Christina: - Você também não tem respeito pela família não?

Silvan: - Ah, eu respeito, mas apagou a luz eu não sei quem é quem, se é a mãe, se é a tia...

Christina: - Ah é assim? Então quer dizer que você pegaria sua mãe, é isso?

Silvan: - Não, só iria mandar minha mãe dar um nó na saia

Christina: - Cadê o respeito de família, só pra eu entender?

Silvan: - Tamos nessa, né?

Christina: - An? Nessa qual? Eu não, tu tá.

Silvan: - Tem gente aí que é casado com três, quatro mulher e ninguém fala nada, por que vai falar de mim? [...]

Christina: - Não conheço muita gente que é casada com três, quatro mulher não... O que eu conheço é gente muito machista que quer dar uma de gostosão e tem a mente completamente errada e acha tudo normal.

Ao longo da conversa, Christina vai demonstrando impaciência e ironia com o entrevistado, e isso se dá não apenas por suas perguntas incisivas, mas por sua linguagem corporal: ela desvia o olhar ou deixa os olhos cerrados quando Silvan faz declarações abusivas, exprimindo olhares de descrédito em relação ao participante. Mais do que um diálogo, a entrevista transcorre como um confronto, já que a apresentadora dá pouco espaço entre uma pergunta e outra, limitando o tempo de fala de Silvan em uma estratégia de desconstrução dos motivos apresentados por ele e construção de um enquadramento negativo para o agressor.

Embora venha da própria Christina diversas atitudes que podem ser consideradas tão violentas quanto aquelas praticadas pelos agressores-vilões, cabe a ela, em um

sentido oposto, evitar que agressões aconteçam no palco. Exemplo: enquanto ela entrevista Priscila – que está visivelmente retraída e a ponto de chorar –, Silvan vira o rosto para o lado e olha a esposa de um modo claramente ameaçador; rapidamente, Christina percebe, o adverte (“Não precisa olhar pra ela”) e chama Priscila para que ela se sente longe do marido.

Dá em diante, o programa segue, e a apresentadora demonstra empatia com a vítima, olhando-a nos olhos e conversa calmamente sobre a importância de um casamento saudável. O telefone do Ligue 180 aparece na tela. A um só tempo, a estratégia de Christina parece atender a dois interesses: extrair informações da entrevistada para que o programa ganhe em conteúdo e efetivamente ajudar a participante a se abrir e elaborar possibilidades de saída do ciclo de violência em que vive. A apresentadora bate boca com Silvan, contraria todos os seus argumentos, mas dá mais atenção a Priscila, que permanece sentada junto à apresentadora em uma mesa separada. Quando o marido tenta entrar na conversa, Christina é taxativa e responde com o dedo em riste: “Tô perguntando pra ela”. Nas vezes em que Silvan pede a fala, ela não concede. Quebrando um pouco o ritual do programa, a apresentadora continua conversando com a convidada em paralelo, cabendo à psicóloga Anahy conduzir a entrevista com Silvan.

A ironia novamente se faz presente no discurso autoritário de Christina. Quando o entrevistado reclama do fato de a esposa ter sido maquiada pela produção do programa com rouge, a apresentadora, zomba e diz, simulando que está se maquiando: “Nossa, rouge, ninguém fala mais não, você tem que voltar pro século 19. Rouge? Minha vó falava rouge”. A plateia se manifesta rindo. Outro momento de desmoralização do agressor por meio do humor ocorre quando Christina, ao dizer que até os cachorros merecem carinho, acaba imitando um cão latindo, e o auditório ri mais uma vez. Embora de modo mais brando, a apresentadora não poupa palavras para Silvan, chamando-o de crápula e dizendo: “Ela deve ter nojo de você. Eu teria. Eu acho que você tá se sentindo muito além do que você é”.

Assim como no caso anterior, a limitação financeira enfrentada pela vítima de violência doméstica é ressaltada por Christina e por Anahy, que passam a colocar possibilidades de ajuda para Priscila. Ela parece se sentir mais segura ao conversar somente com Christina enquanto o programa segue, e confia que já tentou suicídio.

A apresentadora afaga Priscila, que chora, e diz: “Gente, essa menina aqui é uma sofredora, ela já tentou se matar várias vezes tomando veneno”.

Um aspecto que foge do comum visto em *Casos de Família* é o fato de o programa tentar ajudar uma participante vítima de violência. Christina adverte que esse não é o intuito do programa, mas, motivada talvez pela fase que ela estava vivendo, se sentiu impelida a contribuir de alguma forma para a participante sair de casa. A produção oferece para levá-la a uma ONG; as ações se desencadeiam de modo a simular uma iniciativa tomada pela própria apresentadora no desenrolar da entrevista e que foi apoiada por toda a equipe programa.

Assim, se em outros momentos e em outros programas Christina assume o papel “justiceira”, esta edição é exemplo de como ela também assume a representação de “salvadora”. O *Casos de Família*, por conseguinte, seria o espaço que ela utilizou para fazer sua boa ação⁴. Priscila aceita a proposta e sai do estúdio; do lado de fora, já há um carro a esperando para que ela busque os filhos em casa. Enquanto Priscila sai dos estúdios, Christina defende o *Casos de Família*, falando que é um programa sério e que as devidas medidas serão tomadas (ficando implícito que Silvan será denunciado).

Embora em outros programas com o tema da violência doméstica Christina faz questão de frisar que *Casos* não pretende resolver os problemas narrados, nesta edição em específico, a partir do discurso da apresentadora, a atração do SBT ganha o espaço de busca de ajuda: “Ela veio aqui pra pedir um socorro. Sabe, socorro? Porque quando a pessoa tá aqui envolvida comigo, com a plateia, ela se sente protegida porque tá num programa de televisão”.

A apresentadora passa, então, a fazer uma espécie de “auto-terapia” com a ajuda da psicóloga, Anahy, concluindo:

Esse programa não é daquele programa que a gente acaba, Anahy, não é, eu não ia me sentir bem, nem você, eu tenho certeza. Dá uma sensação de impotência, de você estar devendo alguma coisa a Deus, no bom sentido, assim. Parece que você fala “Por que você não tá ajudando, sua danada? Você tá aí pra quê? Pra ver o outro se ferrar? Dá uma mão pra essa pessoa porque essa pessoa tá precisando”.

Finalizando o programa, Christina chama um VT que mostra o que ocorreu depois que Priscila aceitou o convite da produção para ser encaminhada para uma ONG.

⁴ Prática parecida pode ser vista nos mais variados programas populares. O assistencialismo é recorrente em *Casos*, aparecendo em edições que promovem casamentos no palco, reencontros de pessoas separadas, encaminhamento de dependentes químicos a clínicas de recuperação e transformações no visual de mulheres.

Na tela, aparece o seguinte texto: “Depois que o programa ofereceu ajuda à Priscila e suas filhas, ela teve uma atitude inesperada”. Depois, numa sequência que soa pouco natural, o carro do SBT estaciona em algum lugar, Priscila sai do carro e diz, olhando para a câmera: “Bom, gente, eu decidi não ir na delegacia, não sei se meu marido vai sair de casa, se não vai, afinal a gente tem uma vida junto, são três crianças que dependem dele também, não só de mim, agradeço à Christina, à produção, a todos que me deram a maior força, me ofereceram ajuda, mas acho que esse é o melhor pra mim e pra minhas filhas agora”.

A nível do discurso da violência, o foco na perspectiva de Priscila pode acenar como um exemplar concreto das mais variadas formas de violência que, indiretamente, são destacadas por Christina Rocha. Assim, alguns tipos de violência contra a mulher aparecem não em estatísticas e/ou na fala de especialistas, mas a partir da experiência pessoal da participante em questão. À medida que vai ouvindo Priscila, Christina vai organizando o discurso e evidenciando os passos que geralmente levam a ciclos de violência; “Na verdade, além da mãe ter ficado chateada, ele deve ter fechado, não ter relação, isola a menina pra ela ficar sem nenhum apoio. A primeira estratégia é o quê? É não deixar a mulher sair pra não conhecer ninguém, pra não ter uma amiga, ou pra não conhecer uma pessoa melhor”.

Terceiro caso: Bárbara e Wendel

Ao lado de sua mãe, Elenice, Bárbara vai ao programa contar sobre as agressões que sofre de Wendel, com quem é casada; mas como ela sempre sai em defesa do marido, cabe à mãe dar os detalhes dos episódios de violência: ele já a arrastou pelos cabelos na rua, deu socos, deixando a cara de Bárbara inchada. A esses relatos, Christina reage com ações claras de surpresa ou impaciência: rodando no palco e jogando as fichas do programa para o alto, tampando o rosto com as mãos, ou dizendo que até engasgou de surpresa.

Tais atos têm a função de reforçar tanto a “carga dramática” dos casos contados quanto a sensibilidade da apresentadora, que ao invés de ouvir passivamente, se envolve totalmente com as histórias. Mas há também uma camada de humor que se coloca, por exemplo, no momento em que Christina gira e joga as fichas, talvez numa concretização da expressão popular “rodar a baiana”; a plateia corresponde rindo. A estratégia de enquadramento do agressor como vilão é adotada antes mesmo que ele se apresente, já

que, ao chamar o próximo bloco, a apresentadora avisa: “Vamos conhecer esse cara malvado que até matou um gato, que loucura, né?”.

Ao voltar do intervalo, Christina foca a entrevista no episódio em que Wendel teve um ataque de raiva e estrangulou e matou o gato de Elenice. Ela instiga a entrevistada, perguntando o motivo de ela estar casada com Wendel. Os julgamentos são direcionados também a Elenice, que é inquirida sobre o porquê de ela não ter pedido a seus outros dois filhos adultos para tomarem alguma atitude em relação contra o cunhado agressivo; ou seja, Christina deixa a entender que a violência de Wendel deveria ser repreendida com mais violência. Ela também pergunta se Bárbara já presenciou cenas de agressão do pai a Elenice, como algo que justificasse a convivência atual da mulher com o marido agressivo – contudo, Elenice responde que nunca apanhou do marido, e, portanto, Bárbara não teria essa desculpa para continuar com Wendel. Como essa tese é derrubada, Christina passa a sustentar a ideia de que a sujeição à violência é algo inerente a Bárbara, que teria baixa autoestima. Como o assunto é de foro psicológico, ela logo menciona Dra Anahy, que, concorda.

O ciclo clássico da violência doméstica aparece no relato de Bárbara, que justifica a permanência junto ao algoz devido ao amor que ainda nutre por ele, ao amor dos filhos por ele e também devido às ameaças de perseguição que sofre dele, caso venham a se separar, mas ela afirma que o marido mudou e que não é mais um monstro. Christina rebate todas as justificativas. O que vemos posteriormente no programa é toda uma narrativa que se desenrola para confirmar aquilo que foi anunciado. Ao ser chamado ao palco, Wendel chega bravo, brigando com a esposa, a sogra, e logo engata uma discussão acalorada com Christina, que responde aos berros:

Wendel: - Que papelão!

Christina: - Papelão é seu de bater em mulher e matar gato!

Wendel: - [...] Eu mato de novo! Eu mato seu cachorro também!

Christina: - Tira esse cara daqui, vai embora daqui, bonito!

Wendel tenta se justificar gritando e é cercado pelos seguranças do SBT, que o conduzem para fora do estúdio a pedidos (também no grito) da apresentadora, que fica com feições de ódio, berra, aponta o dedo repetidamente e trava um embate com o convidado, expulsando-o. Wendel resiste, levanta-se e grita com Christina. Durante um momento, ele aceita, senta-se, e a entrevista transcorre sob gritos de ambas as partes, com perguntas nada amistosas da apresentadora: “Alguém te obrigou a vir aqui? Agora você vai ouvir eu falar. Você vai ouvir eu falar ou não? Senão você sai, caramba. Pô,

você não deixa a gente falar! Aqui não é tua casa não! Você vai falar só quando eu permitir”.

Totalmente irada, Christina diz que só continua o programa se Wendel for tirado do palco. Ele tenta se defender, alegando que a sogra já o deixou dormir fora de casa, e a apresentadora responde: “Bem feito!”. Evidenciando toda a sua raiva, ela sai do espaço que ocupa habitualmente no cenário e anda em direção a Wendel (cercado por seguranças do SBT) gritando frases como “Vai ser valentão com outro da tua idade! Cretino! Covarde! Cretino e covarde!”. Wendel insulta a plateia, que reage com vaia e barulho; a câmera acompanha seu trajeto para fora do programa e o mostra se debatendo, fora de controle, até ser neutralizado no chão pelos seguranças. No palco, Christina chama Bárbara de louca por gostar do marido. Elenice, alterada, vai parar no ambulatório da emissora. Ao mesmo tempo em que demonstra estar chocada com a violência vista, a apresentadora direciona-se para a câmera, falando muito alto e com o dedo em riste: “Agora eu quero ver um cara desse ser valentão na prisão. Eu quero ver um cara desse com um bando de homem da idade dele”.

Bárbara é inquirida novamente pela apresentadora, que não entende o porquê de a moça ainda ficar com Wendel. Após Bárbara dizer que gosta dele, é expulsa do programa por Christina, que diz: “Então você merece ficar com ele, pode sair. Vocês se merecem!”. A plateia aplaude ruidosamente. A câmera mostra a convidada saindo do estúdio e enquanto isso Christina diz que ela gosta de apanhar. No palco, ela conversa com Dra Anahy e o foco do assunto é o agressor – o quanto ele seria louco e “socialmente incapaz”. A Bárbara cabe, mais uma vez, o julgamento por não ter se preocupado com a mãe, que fora para o ambulatório ao se sentir mal. Depois, o assunto volta a ser Wendel, cujas imagens da expulsão são repetidas à meia tela.

É curioso observar o quanto o foco da narrativa é centrado em Wendel; antes de ele chegar a conversa transcorre focada nele, como se houvesse uma “preparação” para a entrada do vilão – anunciada desde o primeiro bloco –, e depois que ele adentra o estúdio, tudo se volta à sua performance, da qual ele parece estar bem ciente no momento em que interpela a apresentadora, provoca a plateia, resiste aos seguranças, etc.

A seu turno, Christina não faz qualquer tipo de esforço para conter a briga que se instala; pelo contrário, contribui para que ela se agrave e se prolongue o quanto seja possível, aumentando o tom violento que já fora instaurado pelos relatos. Falta

acolhimento à vítima, já que a atitude da apresentadora só vem a reforçar o mito de que há mulheres que gostam de apanhar. A culpa recai, então, sobre Bárbara, que na visão de Christina, seria a responsável pelo sofrimento que vive porque escolhe ficar com Wendel. Em nenhum momento a lei Maria da Penha é mencionada, e quando a apresentadora diz que o participante deveria ser preso, atribui a isso o fato de ele ter matado o gato estrangulado, e não por agredir sua esposa.

CONCLUSÃO

Cabe à apresentadora a organização das representações e os enquadramentos que delas advém. Christina reúne e seleciona alguns acontecimentos narrados pelos participantes e, a partir dessas informações, ela age no sentido de definir os papéis de cada um no jogo interacional conflituoso. Ao homem, cabe sempre o papel de vilão; todavia, as mulheres nem sempre são enquadradas como vítimas, e algumas são consideradas pela apresentadora como co-responsáveis pela situação de violência ou até mesmo as únicas culpadas, já que, nos casos em que o homem não se compromete a cessar com as agressões, a permanência da mulher nesta relação soa como um “atestado de culpa”. O próprio léxico utilizado por Christina já evidencia o tom acusatório e julgador de sua posição ao apresentar os casos, quando ela evoca termos ligados à culpa e ao erro.

Assim, o papel da apresentadora se mostra complexo: ao concluir cada programa ela diz o bordão “Não se esqueça de que aqui você sempre vai ter uma amiga”, mas sua função se divide entre amiga e inquisidora. Em alguns casos, ela defende as vítimas a todo custo, e em outros, é tão violenta quanto os maridos, xingando-as e expulsando-as do palco numa ação que pode ter três sentidos principais: i) a “punição exemplar” para os agressores; ii) a justiça para as mulheres expulsas, que já foram agredidas passivamente e iii) o alerta para que outras mulheres – as telespectadoras – não cometam o mesmo erro das convidadas. Embora não tenha surgido nos programas analisados, em várias edições, Christina finaliza dizendo que aquilo que se passou no palco é um exemplo de como *não* ser, de como *não* agir em um relacionamento. O julgamento e a ironia são os expedientes mais comuns que evidenciam a violência como recurso na performance da apresentadora.

No que diz respeito à violência doméstica, notamos pouco conteúdo informativo ou com intenções de esclarecimento sobre o tema, limitando-se à exposição de

estatísticas sobre as ocorrências no Brasil. Sem contar com a presença de um especialista sobre violência doméstica, *Casos de Família* evidencia que mais importam as experiências pessoais de anônimos do que os pareceres de peritos no assunto. Isso faz sentido se pensarmos no jogo “dramatúrgico” que move o programa, no qual a experiência subjetiva, muito mais emocional, precede qualquer elemento conformador ou racionalizante. Embora careça de mais análises, mesmo o papel da psicóloga parece contribuir menos para a explicação científico-racional dos fatos e mais para justificar ou compreender o drama (re)vivido em cena.

Ou seja, a violência doméstica é enquadrada de modo mais restrito ao nível moral, pessoal, individual – e portanto superficial –, já que a parcela contextual (aspectos econômicos, sociais, culturais) são pouco ou nunca colocados como elementos centrais do problema. Cabe aos próximos estudos sobre o programa investigarem em que medida esse enquadramento moral pode ou não contribuir para o aprimoramento da discussão da violência doméstica contra a mulher. Analisar os papéis desempenhados nesse sentido pelos convidados, pela psicóloga e pela plateia pode ser iluminador para a questão – tarefas a serem realizadas posteriormente pelo autor do presente trabalho⁵.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006.
- DOSSIÊ Violência contra as mulheres. **Agência Patrícia Galvão**. 2015. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/#quais-as-causas>>. Acessado em: 13 ago 2016.
- GAMSON, J. Taking the talk show challenge: television, emotion, and public spheres. **Constellations**, v. 6, n. 2, jun. 1999.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MENDONÇA, R.; SIMÕES, P. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **RBCS**, v. 27, n. 79, p. 187-201, jun./2012.
- WETSCHANOW, K. “The Personal Is Political” - Are Daytime Talk Shows Feminist? In: GERIN, R.; JEDLICKOVÁ, P. **A Decade of Transformation**, Viena, v. 8, 1999.
- ZUMA, C. et al. Violência de gênero na vida adulta. In: NJAINE, K. et al (Org.). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

⁵ O autor deste artigo conduz a pesquisa “Casos de Família e o enquadramento da violência doméstica contra a mulher” no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG).